

**FFLCH Programa de Pós-Graduação – Área de Filosofia**

Programa de Pós-Graduação – Área de Filosofia

**FLF5056 – História da Filosofia Antiga (Figuras de Sócrates)**

Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho

Duração : 12 semanas

Nº de créditos : 08

**PROGRAMA**

**Justificativa:** Desde sempre se vê em Sócrates uma espécie de fundador, de grande pai da filosofia, como aquele que traçou as linhas de sustentação para o desenho disso que o tempo e os filósofos trataram de chamar Razão. Não apenas pela obra de seu mais genial discípulo, Platão, mas sobretudo por ela, o socratismo, de variadas maneiras e em intensidades distintas, penetrou e determinou profundamente a então nascente mentalidade filosófica. Eis por que Sócrates acabará por tornar-se, na história da filosofia grega, uma espécie de divisor de águas entre as iniciantes tentativas dos predecessores – sintomaticamente denominados em bloco “pré-socráticos” – e sua posteridade - tanto Platão, seu seguidor mais influente, como outros discípulos que, embora de menor importância, souberam, à sua maneira, interpretar e conferir significação às intenções do mestre. E os historiadores da filosofia chegarão mesmo a denominar e distinguir essa posteridade, como um todo, à luz da figura de Sócrates. Assim, Platão e Aristóteles foram muitas vezes rotulados “grandes socráticos”, enquanto “pequenos socráticos” seriam aqueles filósofos de menor influência que nele se inspiraram de algum modo, como os cínicos, os cirenaicos ou os megáricos, representados respectivamente por Antístenes, Aristipo e Euclides. Sócrates é diferentemente retomado por todos esses filósofos. Por um lado, a interrogação socrática, sua pergunta: “o que é...”, decerto está na base das construções metafísicas que os diálogos de Platão elaboram mediante a noção de Forma ou Idéia, bem como das rigorosas exigências éticas que as norteiam, o mesmo valendo para as concepções aristotélicas de definição e indução, fundamentais para o estabelecimento da noção aristotélica de conhecimento, noção essa também visada pela teoria platônica. Por outro lado, a célebre pergunta socrática, que, nas filosofias de Platão e Aristóteles, se transforma em ponto de partida para uma filosofia do conceito e para a entronização dos ideais de unidade, universalidade e necessidade, como expressões por excelência do novo saber, parece não ter impressionado tanto aqueles outros filósofos mencionados, quanto o fez a atitude prática de Sócrates, sua postura crítica em face dos saberes instituídos e convencionais, sua aparente proposta de um modo de vida pautado por sua posição filosófica e nela exibido, nela, por assim dizer, exercitado. Menos o aspecto teórico do que o prático, mais o Sócrates atuante do que o especulativo, eis como, ao que parece, repercutiu nesses filósofos o socratismo. Vale lembrar também que de tais desdobramentos do pensamento de nosso filósofo se alimentarão as concepções de sábio e sabedoria que, pouco mais tarde, as filosofias helenísticas, estoicismo e

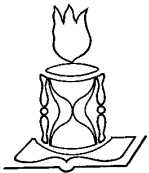


**FFLCH Programa de Pós-Graduação – Área de Filosofia**

epicurismo, irão veicular. E que, também nessa época, no interior mesmo da Academia platônica, sua postura eminentemente interrogativa será vista como ponto de partida para uma posição de orientação cética. Como se vê, Sócrates é figura central e nuclear no pensamento grego, desempenhando papel de protagonista no desenvolvimento das distintas direções que esse pensamento toma.

Ora, tal presença multifacetada da figura socrática, resultante de diferentes retomadas reflexivas e filosóficas de um pensamento de grande riqueza, de fato é indicativa da dificuldade em determinar um perfil único para nosso filósofo, dificuldade que, na verdade, já se impõe de maneira marcante quando se levam em conta os testemunhos mais antigos a seu respeito, daqueles que o conheceram em vida e sobre ele escreveram: o comediógrafo Aristófanes, o mais antigo, e os que se diziam discípulos, Xenofonte e Platão, nos transmitiram um conjunto de informações sobre Sócrates nem sempre compatíveis à primeira vista. Isso deu origem ao que se convencionou denominar “problema de Sócrates”: pode-se descobrir, no interior dessas fontes cronologicamente mais próximas a um pensador que nada deixou escrito, o “Sócrates histórico”? Pode-se aí demarcar a “verdadeira filosofia socrática”, perceptível separadamente das apropriações feitas por tais fontes? É possível conciliar a versão de nosso filósofo oferecida por Aristófanes nas *Nuvens* - uma arrogante e pretenciosa mistura de físico e sofista -, a sabedoria moral de inspiração mais pragmática e menos filosofante dos textos apologéticos de Xenofonte, e o interrogador e pensador penetrante dos diálogos de Platão? Embora a pretensão de encontrar uma resposta positiva para essas questões deva manter-se sempre nos limites da conjectura – não se deve perder de vista que as citadas fontes não pretendem fazer “história” quando retratam e constroem a figura de Sócrates -, vale a pena ao menos investigar algumas possibilidades de compreensão do que teria sido o essencial do “socratismo”, a partir de um exame das fontes. Abordar esse célebre problema filosófico e historiográfico significa, em virtude de suas várias implicações, focar alguns dos temas fundamentais da pensamento grego: a relação freqüentemente conflituosa entre a filosofia e a sofística, entre a idéia de persuasão veiculada pela concepção vigente de retórica e a proposta de um novo sentido de verdade e saber no uso do discurso; a dimensão ética da investigação filosófica e a conseqüente relação entre sabedoria e felicidade, entre conhecimento e moral, quer na esfera do indivíduo, quer na dimensão mais ampla da vida na cidade; a filosofia, enfim, como método e como procura da verdade. Nesse sentido, cabe afirmar que um estudo sobre Sócrates e os problemas acima esboçados configura uma estratégica visão sinóptica, talvez a mais eficiente, do pensamento filosófico dos gregos antigos.

**Objetivos:** Sócrates é freqüentemente e com justiça tido pelos filósofos e historiadores da filosofia de várias épocas como uma espécie de pai fundador, como um marco inaugural no estabelecimento daquilo que sua posteridade filosófica irá consagrar como Razão. No entanto, pouco se sabe de seguro a respeito de seu próprio pensamento, daquilo que, aquém ou além das informações presentes nos textos de seus discípulos e críticos, se pudesse caracterizar como uma “filosofia socrática”. Busca-se aqui formular e analisar o célebre “problema de Sócrates”, para então considerar e esboçar algumas possibilidades, mesmo que nem sempre entre si compatíveis, e inevitavelmente fadadas à conjectura, de



**FFLCH Programa de Pós-Graduação – Área de Filosofia**

compreender, no interior das fontes primárias, quais teriam sido as prováveis características de uma posição filosófica propriamente socrática. Para tal análise, com não poderia deixar de ser, dedicar-se-á especial atenção aos diálogos platônicos de juventude, tradicionalmente denominados “socráticos”, sem deixar de levar em conta, no entanto, os testemunhos às vezes deles divergentes e até conflitantes de Aristóteles e Xenofonte.

**Conteúdo:**

1. O “problema de Sócrates”: o sofista de Aristóteles, o sábio de Xenofonte e Platão.
2. A condenação de Sócrates em Xenofonte e Platão
3. A missão divina na *Apologia* de Platão: o saber do não-saber.
4. Os diálogos “socráticos” de juventude no conjunto dos diálogos platônicos.
5. O sentido da investigação ou refutação (*elenchus*) socrática.
6. A maiêutica socrática.
7. Interrogação socrática e aporia: ausência de saber?
8. A ironia socrática.
9. A tese da virtude como conhecimento: uma moral socrática?
10. Sócrates e Pródico: a “distinção dos nomes”.
11. Sócrates e Protágoras: discurso breve contra discurso longo.
12. O socratismo na posteridade grega.

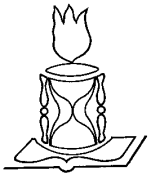
**Bibliografia:**

*Fontes*

- Aristóteles: *As Nuvens*, tradução e notas de Gilda Maria Reale Starzynski, São Paulo, ed. Abril Cultural, 1980.
- Xenofonte: *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates e Apologia de Sócrates*, trad. Líbero Rangel de Andrade, São Paulo, ed. Abril Cultural, 1980.
- \_\_\_\_\_: *Memorabilia/Oeconomicus/Symposium/Apology*, trad. E. C. Marchant e O. J. Todd, Londres, Loeb Class. Libr., Harvard Univ. Press, 1997.
- Platão: *Apologia de Sócrates; Crítão; Êutifron; Cármides; Laques; Lísias; Íon; Hípias maior, Hípias menor, Alcibíades; Protágoras*. Várias edições (“Les Belles Lettres”; Flammarion; Loeb Classical Library; Aguilar; em português, ed. completa pela Universidade Federal do Pará, trad. Carlos Alberto Nunes, entre outras).

*Comentários*

- Adorno, F.: *Sócrates*, Lisboa, Edições 70, 1990.
- Brun, J.: *Sócrates*, Lisboa, publ. Dom Quixote, 1984.
- Burnet, J. – Taylor, A. E.: *Varia Socratica*, pres. y trad. A. G. Robledo, México, ed. UNAM, 1990.
- Gómez-Lobo, A.: *La ética de Sócrates*, México, Fondo de Cultura Económica, 1989.
- Gottlieb, A.: *Sócrates*, São Paulo, ed. UNESP, 1999.
- Magalhães-Vilhena, V.: *O Problema de Sócrates – o Sócrates histórico e o Sócrates de Platão*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- Mondolfo, R.: *Sócrates*, São Paulo, ed. Mestre Jou, 1963.



**FFLCH Programa de Pós-Graduação – Área de Filosofia**

- Mossé, C.: *O Processo de Sócrates*, Rio de Janeiro, ed. Jorge Zahar, 1990.
- Reeve, C. D. C.: *Socrates in the Apology – an Essay on Plato’s Apology of Socrates*, Indianapolis, Hackett, 1989.
- Robledo, A. G.: *Sócrates y el socratismo*, México, Fondo de Cultura Económica, 1994.
- Strauss, L.: *Socrates and Aristophanes*, Chicago/Londres, Univ. of Chicago Press, 1980.
- \_\_\_\_\_: *Le discours socratique de Xénophon, suivi de Le Socrate de Xénophon*, Editions de l’éclat, 1992.
- Taylor, A. E.: *El Pensamiento de Sócrates*, México, Fondo de Cultura Económica, 1961.
- Taylor, C. C. W.: *Socrates*, Oxford/New York, Oxford Univ. Press, 1998.
- Tovar, A.: *Vida de Sócrates*, Madrid, Alianza Editorial, 1986.
- Vlastos, G.: *Socrates, Ironist and Moral Philosopher*, Cambridge, 1991.
- \_\_\_\_\_: *Socratic Studies*, ed. M. Burnyeat, Cambridge, 1994.
- Wolff, F.: *Sócrates – o sorriso da razão*, São Paulo, ed. Brasiliense, 1987.